

O Processo de Inclusão de um Aluno Cego numa Escola Regular Inclusiva

Adriane Pieper Giacomet¹

Sandra Denise Linden²

Resumo:

O presente artigo relata o processo de inclusão de um aluno cego numa escola regular inclusiva de Novo Hamburgo. A inclusão pode ser dita como a Inserção de todos os alunos nas escolas comuns a partir da organização da escola/ensino de acordo com as necessidades apresentadas pelos seus alunos. A capacitação e a atualização de recursos humanos, as estratégias e os procedimentos, a adequação curricular, os materiais e os recursos específicos são pressupostos sem os quais a inclusão do deficiente visual no ensino regular não passa de uma utopia e de uma bem intencionada estratégia de adequação do atendimento.

Palavras-chave:

Inclusão. Cegos. Escola Regular. Recursos.

Abstract:

The present article tells the process of inclusion of a blind pupil in an inclusive regular school of New Hamburg. The inclusion can be said as the Insertion of all the pupils in the common schools from the organization of the school/education in accordance with the necessities presented for its pupils. The qualification and the update of human resources, of strategies and procedures, the curricular adequacy, the specific materials and resources are estimated without which the inclusion of the deficient appearance in regular education does not pass of an utopia and one intentioned good strategy of adequacy of the attendance.

Keywords:

Inclusion. Blind People. Regular School. Resources.

Este artigo traz o relato através de observações, prática e entrevista de um aluno cego, ao qual identificaremos como GS. Este aluno frequenta a 8ª série de uma escola particular, inclusiva, de Novo Hamburgo.

No ano de 2005, a escola recebeu este aluno, a fim de incluí-lo na 7ª série. O primeiro passo foi a sensibilização de todos na instituição, professores, funcionários, colegas, enfim, todo pessoal que trabalharia e conviveria com GS, também a sensibilização dos pais, principalmente daqueles ditos "normais", com o propósito de que todos desempenhassem um papel ativo no processo de inclusão.

[...] É importante que a escola toda seja preparada quando da chegada do aluno portador de deficiência visual, desde a direção, a coordenação pedagógica, o professor que vai atuar com o aluno, os demais professores, todas as crianças da escola, enfim todos os envolvidos no processo". (BRUNO, 199-, p. 121).

Talvez uma das maiores dificuldades enfrentada por um deficiente visual seja a falta de compreensão. O fato de não enxergar, possivelmente, não lhe daria tantas limitações quanto o preconceito e a piedade das pessoas que são responsáveis pelo seu processo educacional. Talvez por ignorância ou por falta de formação, muitas vezes são representados como coitadinhos e incapazes e, em outras, são colocados em um determinado lugar ou posição, como se representassem um peso para os colegas e professores.

¹ Professora do Curso de Pós-Graduação em Educação Inclusiva do Centro Universitário Feevale. E-mail: agiacomet@feevale.br.

² Orientadora Educacional do Curso de Pós-Graduação em Educação Inclusiva do Centro Universitário Feevale. E-mail: denilinden@gmail.com.

Naquele ano, a escola programou a recepção dos alunos novos para o segundo dia de aula, então todos os alunos da turma, que já freqüentavam a escola, foram preparados e prepararam a recepção dos colegas novos. Em especial, para receber GS, os professores da turma prepararam a dinâmica de vendar os olhos de alguns alunos e outros seriam guias, caminharam nos vários espaços da escola. Só assim poderiam exercitar a tolerância e o respeito com o novo colega, que estaria na sala no outro dia, compartilharam sentimentos como medo, dúvidas, agonia e também coleguismo, uma experiência educacional da qual não só o aluno deficiente visual, mas a turma inteira se beneficiou.

Os próprios colegas chegaram à conclusão de que seria importante uma boa planificação e organização da sala de aula, evitando o excesso de materiais e móveis, que todos deveriam ter o cuidado de fechar portas, gavetas e armários, bem como não deixar mochilas e outros obstáculos nos corredores, para evitar que o colega acabasse esbarrando neles.

Foi salientado também que, quando houvesse modificação da organização da sala de aula, seria importante que GS conhecesse imediatamente as novas localizações, a fim de trabalhar a autonomia, a necessidade de ser auto-suficiente. Para isso, ele deveria circular livremente na sala de aula, para buscar e arrumar o material de que precisava.

A maioria dos professores que trabalhariam com GS nunca haviam tido contato com cegos, alguns somente com pessoas que apresentavam limitações visuais, mas todos enxergavam com recursos ópticos ou com aproximação do objeto. É importante destacar o conceito de cego pela seguinte citação:

[...] cegas - pessoas que se apresentam "desde a ausência total de visão, até a perda da projeção de luz". O processo de aprendizagem se fará através dos sentidos remanescentes (tato, audição, olfato, paladar), utilizando o Sistema Braille como principal meio de comunicação escrita. (Saberes e Práticas da Inclusão, p.17).

O convívio com uma pessoa que necessitasse o Braille para ler era algo novo. Aos poucos os professores foram aprendendo que este aluno se desenvolve no processo de aprendizagem através de seus sentidos cinestésicos, táteis, auditivos, olfativos e gustativos, utilizando o Sistema Braille para escrita e leitura.

É importante salientar que, em todo processo educativo, deve-se pensar na competência e capacitação do profissional que atua na educação. Maturana (2003, p.13) diz que "o olhar do professor ou da professora em sua relação com as crianças não deve dirigir-se ao resultado do processo educacional, mas ao acolhimento da criança em sua legitimidade...". É preciso dar condições a essa criança de aprender para que ela amplie a sua capacidade de ação.

Diante desta idéia, a escola proporcionou para Estes professores uma formação a respeito da

deficiência visual, o que é e como utilizar os recursos pedagógicos. Segundo Maturana (2003, p.18) "um professor só pode contribuir para a capacitação de seus alunos se vive sua tarefa educacional desde sua própria capacidade de fazer...".

O domínio do Braille e de outras aquisições como a reglete (régua para escrita manual em Braille), punção ("caneta" utilizada em conjunto com a reglete, para marcar o papel), sorobã (ábaco para os cálculos matemáticos), o sistema Dos-Vox (permite que pessoas cegas utilizem um computador comum para desempenhar uma série de tarefas, adquirindo assim um nível de independência no estudo), livros na biblioteca, entre outros, não asseguram o aprendizado e a inclusão escolar bem sucedida, é preciso disponibilidade, atitude, postura por parte do educador para abrir as possibilidades do conhecimento ou de descobrir as potencialidades do aluno.

Podemos observar que o aluno cego aprende as mesmas coisas que seus colegas e junto com eles. O importante é que o aluno tenha acesso às mesmas informações, que os professores considerem o projeto curricular oferecido ao grupo, não criando um currículo à parte, que não haja uma facilitação, levando ao empobrecimento do currículo, que contemple as necessidades de todos os alunos, olhando para as necessidades específicas e propondo atividades para o coletivo, que contribuam com a aprendizagem de todos os alunos, que o trabalho pedagógico individualizado não substitua as propostas desenvolvidas em sala de aula.

Em nenhum momento, durante a observação e no próprio relato do aluno, perceberam-se aulas diferenciadas, com conteúdos reduzidos ou favorecimento em alguma circunstância por ser um aluno cego. O nível de exigência foi igual para todos, cada qual se desenvolvendo dentro das suas potencialidades e objetivos.

Porém, em algumas situações, o aluno ficou apenas ouvindo o que estava acontecendo, o que não impediu de participar das aulas. Isto ocorre naquelas situações em que o uso da visão é imprescindível para a realização da tarefa; em outras situações, a procura por alternativas, por exemplo, com os mais variados tipos de materiais, é a solução para que o aluno aprenda e não seja excluído de tal atividade.

A LDB 9394/96 no capítulo V, prioriza o atendimento dos alunos com deficiência no ensino regular. Nela encontramos a seguinte afirmação: Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização, específicos para atender às suas necessidades. (Art. 59/1). E ainda Beyer (2006, p. 73) afirma: No caso dos alunos com deficiência visual (parcial ou total), o acesso ao código Braille e o uso de material em relevo deve ser recurso imprescindível à disposição na escola.

Em caso de cópia do quadro, o aluno recebia o material já pronto em Braille, pois também como recurso

a escola possui uma impressora Braille. Para Coll (1995, p.301), é importante "garantir que os alunos com necessidades educacionais especiais participem de uma programação tão normal quanto possível e tão específica quanto suas necessidades requeiram".

O material específico era geralmente muito volumoso, então foi providenciado um armário, lá ficam os materiais como a máquina de escrita em Braille, folhas, portfólio, etc.

Todos os professores emprestavam com antecedência o material que iria ser trabalhado para que uma professora conseguisse transcrever para o Braille ou traduza trabalhos e provas que GS faria.

Com relação ao elogio e à disciplina, as mesmas regras que se aplicam ao resto da turma são aplicadas a GS. Segundo Bruno (1999, p. 121)

Todos necessitam compreender que a criança com ausência de visão não precisa ser superprotegida ou "paparicada". Ela necessita vivenciar todas as situações, necessita ter as mesmas regras e obedecer os mesmos limites estabelecidos para seus colegas, deve ser respeitada como criança "não vidente" que tem seu modo particular de perceber, agir e elaborar a realidade. (BRUNO, 1999, p. 121).

Porém, um sorriso de aprovação ou encorajamento não funciona, é preciso um toque, um tapinha nas costas ou no ombro e, ainda, um reconhecimento verbal tem eficácia. Sempre lembrando para GS que seu rosto deve dirigir-se para quem está falando com ele. Reconhecer a cegueira como diferença leva a reconhecer que este aluno dispõe de outras formas de perceber os fatos, outras formas de relacionar e de atuar sobre eles. É difícil, mas imprescindível perceber que GS é portador de uma outra lógica, ligada a outras possibilidades de significação, questões que envolvem a linguagem, indissociáveis do pensamento e que devem ser respeitadas.

Assim, por exemplo, na escola só existe inclusão, de fato, se o aluno tem aproveitamento do processo ensino-aprendizagem no seu rendimento escolar, não bastando a simples presença na sala de aula, pois, sem interação com o professor, sem aprendizagem, não se pode falar em inclusão.

É preciso sistemas educacionais preparados para lidar com as diferentes demandas socioculturais presentes nas escolas, planejando e implementando propostas pedagógicas que, desde a sua concepção, estejam comprometidas com a diversificação e flexibilização curricular. A escola de GS conta com o sistema de bidocência, dois professores atuando diretamente no aprendizado de 28 alunos, conforme a citação:

É importante destacar que tal atendimento jamais deve concentrar-se explicitamente sobre as crianças com necessidades especiais, porém os educadores com

atuação pedagógica especializada devem trabalhar no contexto do grupo, procurando atender necessidades eventuais na aprendizagem que os demais alunos possam demonstrar". (BEYER, 2005, p.33).

A prática destes professores deve se concentrar, conforme as palavras de Beyer, na atuação conjunta destes e não a bidocência dividida como o professor da turma e o professor dos alunos com necessidades educativas especiais.

Deve contar também com professores qualificados, que possam interagir com os alunos numa relação dialética, na qual as trocas possam ocorrer com respeito às individualidades. Segundo Carvalho (2003, p. 163):

[...] a formação inicial de nossos professores precisa ser repensada, seja em nível de segundo grau, seja em nível superior, para que possamos encontrar soluções compatíveis com a urgente necessidade de melhorarmos as respostas educativas de nossas escolas, para todos. (CARVALHO, 2003, p. 163).

O convívio entre as diferenças deve ser um exercício cotidiano, no qual ritmos e estilos de aprendizagem sejam respeitados e a prática da avaliação seja concebida numa perspectiva dialógica. Sempre presente uma avaliação diversificada, em que o aluno, seja ele quem for, consiga mostrar seu crescimento; que esta sirva como subsídio para o planejamento no sentido de transformar e não de rotular. Proporcionar uma avaliação processual, participativa, fazendo parte do processo de aprendizagem, um diagnóstico de percursos que podem ocorrer, diferentes trajetórias que os sujeitos podem seguir.

Se a principal meta do trabalho da escola é atender as especificidades de cada aluno partindo de sua realidade, em contrapartida, o professor precisa buscar as respostas para poder ajudar o seu aluno.

A educação inclusiva (Declaração de Salamanca, 1994) conduz à necessidade de o professor saber respeitar e conviver com as diferenças, buscando estratégias que viabilizem seu trabalho na e para diversidade. É necessário estar sempre preparado para as novas adaptações e situações que surgem no interior de sua sala de aula.

A escola deve criar possibilidades de espaços dialógicos entre professores para que haja troca e discussão sobre a prática pedagógica, pensar sobre as identidades que a nossa prática pedagógica está ajudando a construir. É responsabilidade de todos poderem ver, em seu espaço educacional, o que é principal em cada momento e para cada sujeito. Lembrando que não existe ser humano acabado, mas que cada indivíduo está em processo de construção e que a aprendizagem é para toda a vida.

O sistema educacional deve favorecer a todos os alunos, a organização escolar e os serviços de apoio

devem estar presentes dando condições de aprendizagem em nível de sala de aula e individualmente. Em sala de aula, o professor deve ter subsídios para tomar decisões que dizem respeito diretamente à ação docente, relacionadas aos componentes curriculares que se concretizam no cotidiano das relações entre professor e aluno, envolvendo metodologias, objetivos, conteúdos e avaliação. Este professor prioriza, acrescenta, elimina e reformula os objetivos propostos, nos processos de avaliação usa diferentes procedimentos, possibilidades de expressão, atende as especificidades, aumenta ou diminui o tempo previsto para objetivos ou conteúdos.

A inclusão torna-se um grande benefício para estudantes com ou sem deficiências. A maioria descobre ser capaz de atos solidários e cooperativos, desde cedo, tornando-se mais compreensivo, tolerante e confiante nas relações com outro.

Os colegas e professores de GS aprenderam que a falta de visão não é algo que torna a vida de uma pessoa impossível de ser vivida. Participar da rotina da casa e da sala de aula, organizar seus pertences, ajudar nas tarefas, brincar, etc. fazem parte de todos os alunos e a escola é um espaço de desenvolvimento e crescimento entre todos.

Referências:

- BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).**
- BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola:** de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- BRUNO, Marilda Moraes Garcia. **O desenvolvimento integral do portador de deficiência visual:** da intervenção precoce à integração escolar. São Paulo, SP: Laramara, [199-]
- CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem.** Porto Alegre: Mediação, 2003.
- GOFFREDO, Vera Lúcia F. Sénéchal. Como formar professores para uma educação inclusiva? Rio de Janeiro: **Revista Benjamin Constant.** Ano 10 número 27. 2004.
- MATURANA, Humberto. REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação humana e capacitação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- PALACIOS, Jésus; COLL, César; BASIL, Carmem (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação:** necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995.